

Esclarecimento e Consciência dos Limites*

Gilson Gil

A dissertação se propõe a analisar a questão da atualidade ou não do conceito de razão. É realizada uma crítica do racionalismo e de sua permanente força esclarecedora. A resposta ao « dilema » modernista, que nega dignidade filosófica ao racionalismo é achada no século XVIII e no movimento chamado « iluminismo ». Acentua-se o caráter trans-histórico do iluminismo, o que nos envia ao conceito de « Esclarecimento », tarefa emancipatória e cosmopolita de quebra das autoridades irracionais e das coerções físicas não-argumentativas.

É dado relevo à necessidade de sempre ficarmos atentos aos limites imanentes da existência humana. O uso positivo da razão é madraço, como definia Kant. É necessário o uso negativo e demarcador da razão, caracterizado pelo que se chamou na dissertação « Negativismo Ilustrado », senão as ilusões dogmáticas da dialética racional sempre se fariam presentes. A teoria kantiana é apontada como o melhor caminho filosófico para reconstruirmos a racionalidade hoje, devido ao seu respeito pelo que seria característico do humano.

Este respeito ao demasiado humano se mantém através da tensão entre imanência e transcendência que caracteriza a filosofia kantiana. Esta tensão é vista como um ele-

mento necessário a toda verdadeira filosofia esclarecedora criticista. É através desta tensão dos limites que pode se emancipar o ser humano, e não quando a negamos ou a superamos dogmaticamente.

O esclarecimento, em sua formulação reflexiva kantiana de idéia reguladora, deve fazer uso daquele pessimismo racional próprio do século XVIII. A busca do diálogo, da comunicação e da compreensão entre seres humanos singulares e individualizados é o núcleo da discussão sobre o racionalismo. Permanecer pensando criticamente nos limites da filosofia kantiana é dançar à beira de um abismo, tais os impasses envolvidos em tal posição teórica. Contudo, temos de agüentar o peso de tais « verdades », senão este esforço esclarecedor de se emancipar, que é também um auto conhecimento, se perderia no limbo do dogmatismo dialético e ilusório.

Kant se propõe a fazer do homem um ser autônomo. Emancipá-lo significa, então, promover no homem o melhor uso possível da razão, tal como esta existe nele. A filosofia crítica marca este momento na história metafísica da humanidade, em que deixamos de ser apenas um agregado de indivíduos antagônicos, que progrediam sem um plano previamente concebido, para sermos um todo reflexivo

idealmente unitário. A legítima atividade filosófica faz inaceitável toda totalidade de uma imanência absoluta do mundo. Esta unificação, rumo ao bem, dos homens nunca terá fim. A finitude humana nos resigna ao conhecimento fenomênico, deixando apenas ao pensar e à esperança a madrastra tarefa de realizar nossa destinação supra-sensível. Nossos sobressaltos, erros e acertos, advêm deste falibilismo, próprio à situação limítrofe do homem, ser com direitos e deveres diferentes de Deus, que só possui direitos.

O « reino dos fins » que « podemos esperar », em resposta à questão kantiana, é um reino ideal de tolerância, auto crítica, respeito mútuo, busca da verdade, legitimidade e argumentalidade comunicativa.

Procurei resgatar para o atual debate acerca do racionalismo uma de suas « respostas » filosóficas, aquela do *esclarecimento kantiano*. Toda uma formulação crítica já se desenhava na história do pensamento ocidental, se caracterizando naquilo que designei de « via inglesa » do iluminismo. Esta via se marcaria pela investigação dos fundamentos, dos limites e dos princípios inerentes ao homem. Seriam caracterizados por uma ânsia « demarcatória », que fixaria o possível, o impossível e o alcance de nossas possibilidades. Foram os principais responsáveis pela secularização do pensamento ocidental com sua crítica,

empirista e cética na maior parte do tempo, mas sempre dirigida ao homem e àquilo especificamente humano nele, cujos limites e incoerências expostos por Hume foram solucionados por Kant.

Minha intenção não é ficar restrito ao terreno da história do pensamento. Pelo contrário, há uma inspiração anti-historicista em minha posição, voltada exclusivamente para problemas. O uso de Kant e o criticismo vem recuperar a lacuna deixada, tanto pelo empirismo e sua « via inglesa » (o caso de Hume), quanto pelos abusos dialéticos (no sentido kantiano) da tradição hegeliana. A filosofia transcendental kantiana é esta terceira via, capaz de superar as deficiências do empirismo e limitar as pretensões metafísicas do idealismo.

Contra os « velhos » sistemas dogmáticos, que tudo pretendiam falar e responder, Kant seria o filósofo responsável por uma acertada mudança de perspectiva no debate. Kant não estaria preocupado com a « certeza » embutida na razão e suas afirmações. Kant teria « aberto » o mundo, definindo razão como crítica constante de posições e demarcação precisa de áreas. É esta « revolução copernicana » de Kant que nos pode sugerir uma nova postura diante de temas como o esclarecimento, afastando-o de paradigmas evolucionistas e/ou holistas que sempre o dominaram.

* Dissertação de Mestrado aprovada pelo Dept^o. de Filosofia da PUC-Rio.